

PAULO MOREIRAS

A DEMANDA DE
D. FUAS BRAGATELA

Livro I

I

Para ti, meu filho, deixo esta poética história que, sendo a da minha vida, com teu entendimento dela possas tirar exemplo e proveito. Pois a tão grandes e fantásticas cousas assisti e ouvi que tomei trabalho não as deixar cair no esquecimento, tendo este povo a memória tão curta como os dias. Delas te darei conhecimento, se para tanto me ajudarem as musas e as minhas potências, de forma ordenada, para que compreendas os meus caminhos e as minhas opções, sem acrescentar mais ponto nem mais vírgula a tudo o que me sucedeu, deixando-te assim apenas aquilo que gostaria de dizer-te.

Sei que ainda não me conheces, mas possa este canhenho contar-te aquilo que fui e aquilo que fiz. Que em boa verdade o digo: quis chegar ao alto, vindo de baixo, por virtude e engenho próprios e cobrei para mim o melhor que sabia e podia, que toda a criatura nasce com sua ventura, e levei vida airada e de nada me arrependo.

E para aqueles que aqui vêm à procura de erros, ou à espera de enganos e outras desatenções, desenganem-se, que só irão encontrar génio e virtude, que a vida disso também se constrói.

Meu pai, Afonso Fernandes, trancosano de cepa, era alfaiate, mestre de vários panos. Na sua oficina obrava gibões, balandraus, pelotes, bragas e fraldrilhas, tabardos e outras miudezas e grandezas da arte de vestir, e também farpava, ao gosto de um fidalgo mais requintado ou ao peso da bolsa mais ruidosa. Devido à sua mestria com tesouras e outros aguços, também operava capaduras e sangrias, à moda dos barbeiros. Havia quem alvitrasse pelas vielas e ruelas do

vilarejo que não era cristão verdadeiro, mas isso eram maus pensamentos, invejosos, pois em bons anos à nossa mesa sempre vinham parar umas boas carnes de porco e uns toucinhos de arregalar os olhos e encher a pança. E, mesmo nos maus anos, tínhamos umas réstias de courato ou umas tripas manhosas, guardadas no sal de outros tempos, que deitávamos para alegrar o caldo e reconfortar as entranhas.

Por vezes, também manobrava a sua tesoirinha por baixo dos panos, a ciciados e penosos convites de clérigos varrascos, enredados em venéreas orações. Solícito, que a recompensa era boa e generosa, preparava o estojo das ferramentas e partia a coberto da noite, que sempre foi boa manta para amores e pecadores.

E muito se confessava meu pai, para se redimir, pelas tabernas da terra, entre canadas de zurrapa e muxamadas sardinhas, acabando, por vezes, a eucaristia, em vez da hóstia sagrada, com abençoada navalhada, que meu pai nunca largava as ferramentas de mester.

Por isso, mais tempo passava na prisão que em sua oficina. Mas nunca aí deu os dias por perdidos. Sabendo que era alfaiate, os esbirros, e mesmo os presos, e até o beleguim, lhe pediam que remendasse as suas farpelas, que a profissão corrompera com tanto uso e abuso, a troco de uns dinheiros ou um vinhozito. Em casa já não sabíamos se ele ia preso por fazer o gosto à navalha, se para fazer o gosto à agulha, tão bem ali lhe corria o negócio, que sempre havia clientes necessitados de um passajar aqui, um ponto acolá.

Maria Cipriana, natural de Penedono, era minha mãe, que muito nova enveredou pelos trilhos de Simão, o mago, pela mão de uma alcoviteira da terra, que mais tarde lhe levou à mão e à cama meu pai.

E eram tantas as suas ocupações e obras que nem sei como as enumerar. Cuidava da casa e da criação e entre tais trabalhos recebia crédulos e crentes do além, amantes desamados, malcasados e outros aziagos. A seu pedido obrava arrebiques, feitiços e poções, lançava sortes e azares, invocava diabos e anjos negros, agoirava, adivinhava e lançava pragas, encantamentos e outras cousas tais que nem as artes da física conseguem explicar. Trazia pessoas ao mundo e em circunstâncias necessárias também as impedia de nascer. E, quando havia donzelas e outras moçoilas a quem a desonra ocupara e man-

chara, inventava virgos que lhes restituíam a natural e proverbial virtude.

Mas em tudo era muito discreta, o que lhe abonava muitos clientes. E mais clientes teria, machos de preferência, se meu pai não estivesse sempre de atalaia e de jaez curto, que ela, apesar de feia, era uma roliça matrona, despertando os mais desavergonhados apetites pela vizinhança. Era por essas e por outras que meu pai se via obrigado a dar ares de façanhudo para espantar as raposas do seu galinheiro.

Em nossa casa vivia também minha avó, a velha e seca Xamoa, herbolária e fura-pipas, que não tinha mais nome porque o perdera pelas vielas da putaria. Essa, sim, era de boa cepa, já que as conhecia a todas e andava sempre com a gorgomileira num dilúvio.

Todos os dias, depois de cuidar do horto e da ervanária plantação, dedicava-se com afinco à calhandrice; tudo aquela velha sabia, deste e de outros mundos. Ao fim do dia, rumava à capela, à vinha do Senhor, outra das suas devoções, e era tão grande beata que havia mesmo quem dissesse que andava amancebada com o frade menorita que aí professava; um antigo cliente, rezavam as viperinas línguas.

Certo dia acabei por desvendar o mistério de tanta devoção: jogavam dados, apostando botelhas de vinho sagrado e abençoado contra vinho pagão e excomungado.

Entrementes, naquele ano em que o nosso rei lavrador dava os últimos suspiros, teu pai vinha ao mundo, chorando os seus primeiros ais; sem saber se por sair do outro mundo se por entrar neste. O certo é que este foi um dos primeiros sermões que tomei pela vida: não importa quem somos ou o que somos, o fado é o mesmo, que quando nascemos apenas começamos a morrer.

Antes da nova Lua já tinha sido paramentado e baptizado e para os outros fiquei com o nome de Fuas Bragatela. Fuas em homenagem ao meu avô paterno, almocreve dos quatro caminhos, e Bragatela em honra do compadre Brás Vicente, mavioso finório, mercantela e bufarinheiro, por haver oferecido, a meus pais, entre outras vedalhas, umas principescas bragas da melhor tela da Flandres para o jovem varão.

Anos mais tarde descobriu-se que o compadre não o era só de título e com as bragas nos joanetes foi apanhado por meu pai em

fogosas intimidades com minha mãe. Logo ali, e para lavar a sua honra, Afonso Fernandes, vociferando sapos e cobras, alhos e cebolas, abriu o bucho ao amante sevandija e degolou a barregã da sua mulher.

Por isso acabou pendurado ao vento, pasto de corvos e outras rapaces. E eu parti em aventuras, buscando novos modos e maneiras e procurando melhor fortuna. Mas a quem muitos burros quer pegar, algum fica para trás e, não querendo pôr a traquitana à frente do macho, refrearei meu ímpeto, que ainda muito tenho para te narrar, meu filho.

Entretanto, meu reinado, poço de doenças e muita larica, foi de curta duração, que minha mãe já paria outra criatura: meu irmão Sancho.

Veio este roubar os poucos mimos que até então recebia e tomei outro sermão da vida: que isto de parentes são mais as dores que os dentes.

Em pouco tempo, acabado de desmamar, já o bezerro andava à solta lambendo-se todo, e num santiamén a cartilha aprendeu, mal-sinando a meu pai as traquinadas que eu armava pelas redondezas do meu feudo.

Entre piolhos e carangos e escalda-rabos passei os meus primeiros anos. Meu irmão com o tempo foi mudando, ficando esbelto e circunspecto, adamado. Quem também o notou e nele teve olho foi o seboso clérigo Barroso, nosso mestre na aprendizagem do ler e escrever, do saltério e demais catecismos.

Não sei se por divina inteligência ou predisposição religiosa, o facto é que Sancho passou a ser o menino eleito, *primus inter pares*, do anafado clérigo, acabando por ajudar à missa e a outros entreténs de religiosa ordem.

Um dia o santo padre, muito asqueroso por sinal, que constantemente se apresentava num suadouro, mesmo em dias de frio, foi visitar meu pai à oficina e, entre conselhos, rogos e outras prédicas, pediu-lhe que desse permissão a seu filho Sancho para ir viver na igreja que o iniciaria nas regras da católica e cristã religião, uma vez que para tal tinha muita e virtuosa inclinação.

Meu pai, vendo que assim teria menos uma boca para alimentar, que já lhe bastava o outro esgalgado e desgorgomilado como filho,

deu toda e qualquer permissão para tão samaritana empresa. Apenas teria de confabular em particularidade com sua mulher, para lhe dar a conhecer a situação e saber qual a sua sentença.

Ao saber das intenções do clérigo, minha mãe, através de algumas gotas de azeite na água, e das formas que elas desenvolviam, viu ser essa uma boa acção, já que muitas e auspiciosas evoluções na vida do filho vislumbrou. Disse mesmo que o chegou a ver sentado na cadeira de bispo da Guarda, bem arranjado e paramentado, privando com o rei e outros altos dignatários da corte. Muito aliviados ficaram com um futuro assim tão católico e radioso para um seu descendente.

Nesse mesmo dia e sem demoras, com a bênção dos pais, Sancho arrumou o pouco que tinha e partiu, aos cuidados do padre Barroso.

Mas se meu pai pensava que, por ele sair, mais comida haveria de entrar na mesa enganou-se. Saiu Sancho e entrou a fome. Danada como só o diabo a sabe cerzir e amassar. E em tão grandes privações andámos que, de palha ou de feno, o que importava era ter a barriga cheia.

Andava, por aquelas alturas, a lazeira mais pegada a mim do que ranço no presunto, e então armava umas nocturnas incursões, para de sorrelfa tirar a barriga das ervas, que é dieta bem do agrado de alimárias e outras bestas e alegria dos grilos.

Sucedeu uma noite ir pescar umas chouriças a casa de quem as tinha penduradas. Armei-me de um anzol e de um nagalho e subi ao telhado da casa do aguazil Ermígio, bruto como as cabras, um autêntico calhau com dois olhos. Perto da chaminé desviei a telha que escondia o tesouro e, espreitando, mirei a presa. Lancei o gancho e, com cuidados de virgem, tentei sacar uma das ditas cujas. Mas, por falta de jeito ou por serem tão grandes as ganas de laçar uma chouriça, acabei por partir as telhas e cair com grande estrondo por cima das trempes e da panelada, levando comigo as varas do fumeiro e a desejada chouriçada.

Tanto alvoroço e alarde acordaram o roncolho vilão que, entrando na cozinha grunhindo impropérios e vendo-me todo enfarruscado, me tomou por mouro ou negro, ou mesmo algum negregado trasgo das profundinas que o vinha buscar, e logo deitou mão a um bordão que ali descansava e com ele correu comigo de sua casa.

Entre bordoadas e correrias, gritos e espalhafatos, acabei por comer duas chouriças; tanta era a fome que, enquanto o bordão subia, descansavam as costas e eu dava ao dente. Valeu-me a juventude e o medo para tomar dianteira ao sacripanta.

E nessa mesma noite tomei minha primeira carraspana, que chegando a casa me fui à adega e esvaziei uns quartilhos de tinto, para empurrar as chouriças, que estava um pouco embuchado, e para ajudar a comer ainda as outras a que deitara mão.

Acabado de encher o bandulho cá para o lado empachado a cozer a turca. Mas para meu azar, e do meu estômago, que há muito não abraçava tão boa pitança, acabei por ficar com a barriga tão desarranjada que expulsei a mal o que a bem meti cá dentro. Não sei se foi o vinho, bebido de empurrão e aos soluços, se as chouriças de má vontade ou ainda as pragas do miserável Ermígio, a causa de tantos puxos. O facto é que, se antes estava vazio, agora mais vazio ficava, e purgado, com as nalgas curtidas de tanta excomunhão e soltura, como prémio para tanta ousadia.

No outro dia, mal dormido e com as tripas endemoninhadas e envinagradas, estava na oficina a ajudar meu pai quando entra o pulhastro do aguazil, com maus modos e de carão, a averiguar de algum estranho acontecimento na noite anterior, ali pelas redondezas.

Deixei-me estar no meu canto, entretido com os panos, que aquilo eram grandes conversações para a minha meninice.

Ao aguazil Ermígio, meu pai apenas declarou que lhe haviam ido ao vinho, mas que daí não lhe vinha grande dano, pois era potreia que estava guardada para vinagre; mal das tripas iria sofrer o meliante vinhateiro. Por seu lado, contou o basbaque do aguazil o que lhe sucedera na noite passada. Muito interrogados ficaram os dois sobre tão diabólicas e nefandas ocorrências.

– Se eu apanho o fideputa que me roubou as chouriças levo-o logo ao alto da picota – vociferava o vacão. – Melhor ainda, esquartejo-o em tantos bocados como aqueles que o cabrão me roubou e atiro-os aí pelos caminhos aos cães! – Acalmou-se um pouco e limpou os carreirinhos de suor que entretanto lavravam a testa com tão truculenta perlenga. – Ó mestre, elas estavam guardadas para o

corregedor, que prestes vem aí para saber novas cá da terra... E eu que tanto lhe queria adoçar a boca...

O mestre ouvia mas nada dizia. Não havia nada a dizer, nem comentários, nem outras considerações. Não gostava dele, queria era vê-lo longe, a léguas da oficina. Era pior que os corvos, só trazia azares e más notícias.

Sem conseguir respostas para os seus tormentos partiu, deixando-me mais sossegado. Voltei ao trabalho com meu pai, que estávamos entretidos em sangrias nuns tecidos acabados de chegar.

Tinha ele um esquema de conseguir mais uns bocados, surripiando uma polegada a cada bitola de pano, e assim, de polegada em polegada, sobravam um ou dois côvados, que depois se vendiam aos clientes mais vesgueiros nas medidas.

Por aqueles tempos, andavam pela nossa rua uns fedelhos pio-lhosos, muito aburguesados, com ar de endinheirados, a espalhar tropelias e outras arrelias pelas oficinas dos mesteirais. Ninguém neles tinha mão.

Acontece que aqueles bilhostresinhos se assomavam à porta da nossa oficina e todos à uma apodavam meu pai de mestre-aranha, o que muito o assanhava e enfurecia.

Contam as lendas que, em outros tempos, foram precisos sete alfaiates, com as tesouras abertas, para matar uma aranha que lhes apareceu. Isto é história do povo, mas é maneira certa e segura para os arreliar.

Espumando maus humores e más intenções saía a correr atrás deles, mas já era tarde, que os tratantes estavam longe a rir às gargalhadas. Por vezes, e para extremo da perseguição, tinham a marosca de tal maneira preparada e estudada que, ao fugirem do mestre-aranha, o conduziam para umas esconsas cangostas e aí lhe armavam uma emboscada, assestando-lhe com podridos frutos; e chegaram mesmo, um dia, a arrimar-lhe à cabeça com uma abóbora carunchosa e de má criação, surripiada ao quintal do aguazil Ermígio.

Quando isto acontecia, meu pai voltava para casa irado e muito envergonhado, servindo de mofa e galhofa aos restantes mestres da rua, que riam zombeteiros, esquecendo-se de que tinham rabos-de-palha e de que o lume andava perto; se não os queimasse hoje talvez ardessem amanhã.

Como eu já havia tirado a pinta ao mariola daquela corja, descobri que era o dilecto filho do meirinho Ordonho. Este, entre outros e muitos trabalhos a que o seu múnus o obrigava, ia regularmente receber as devidas alcavalas às donas da mancebia, mais propriamente, das aveludadas e experimentadas mãos da abadessa do alcouce.

Às suas andanças e visitas pus-me de atalaia e engendrei uma vingação, para desagravo da minha família, que comigo ninguém tira palha sem levar resposta.

Entre as ferramentas de mester tinha meu pai um bicheiro muito bem atulhado para as suas sangrias. Deitei-lhe mão e bifei-lhe umas quantas sanguessugas. Fui para a rua das mancebas e escondi-me, aguardando a chegada do meirinho barregão, que já lhe sabia onde andava às ginjas. Pouco tardou para que o granhão chegasse, de suspeitos modos e com as trombas bem rebuçadas.

Como das outras vezes, que o trazia bem estudado, entrou pela cozinha, que dava menos nas vistas e distava da rua principal. Cheguei-me rapidamente à casa e, lesto, subi pelos molhos de lenha à janela do quarto onde estavam. Para minha boa graça e fortuna estava aberta.

Intrometi-me em tão pecaminoso antro sem darem por mim, tão entretidos estavam em luxuriosas, lascivas e almeçadas entregas, que até então eu desconhecia como se praticavam, que o pouco que sabia apenas o tinha visto nos porcos e outros animais de criação.

Sendo o tálamo grande e adornado com fartas cortinas, os amásios não me descortinavam muito facilmente, o que me deixava à vontade para realizar a minha tão engenhosa tramóia.

Em cima de um escabelo folgavam as bragas de tão distinto magistrado, entregue em árduas tarefas de recolher o merecido imposto da sua comarca. Saquei das untuosas sanguessugas e aí as pespeguei.

Entre ais e uis dos apegados amantes sumi-me do lupanar, antes que me topassem e algo me sucedesse. Voltei a descer pela lenha e aproveitei uns toros, empurrando-os para a porta, impedindo-a assim de se abrir.

Fiquei, entretanto, cá fora escondido e à espera. Eis que, entretimentos, uma grande algaraviada irrompe do vicioso cortiço.

Monumental algazarra estoirou portas dentro, alarmando a ralé que passava.

Alguém a gritar foi contra a porta da cozinha mas não a conseguiu abrir, mais desesperado ainda correu pelo resto da casa indo desembocar na porta principal.

Já várias pessoas e outro povo se chegavam, para ver qual a razão de tão extraordinária arenga, quando surge o meirinho Ordonho, assarapantado e desvairado, em plena rua, à semelhança de Adão, não ornamentado com uma verde parra mas com escuras e viscosas sanguessugas a treparem-lhe pelo entrepernas.

– Deus, Nosso Senhor! Foi Deus... – redimia-se o homem assustado com tão sanguinolentas criaturas. – Perdoai-me, Senhor, pelo pecado...

Entre risos, gargalhadas e outras zombarias da caterva, o meirinho com as suas atacadas vergonhas e virtudes foi refugiar-se na igreja, arrojado sobre as lajes de tão beatos avoengos, segurando o hábito do santo padre, exorando a sua salvação e redenção.

Depois de tão vergonhoso espectáculo, nunca antes visto, o meirinho, sem mais ares nem tomares, como cão por vinha vindimada, armou o trimbolim com as suas cousas e lousas e fez-se à estrada, mudando de terras e ares. E com ele se foi o piolhoso do filho.

Nunca mais voltaram a chamar mestre-aranha a meu pai e, mais tarde, quando descobriu que lhe tinham andado a mexer no bicheiro, aquando de uma sangria, juntou os pontos e chegou à conclusão de que fora o escanifrado e potrinças Fuas Bragatela, seu filho, o autor de tão engenhosa patranha e animada brequefesta.

Fiquei-lhe muito benquistado, e entre canjirões de tinto cantou aos pingarolas a façanha, cheia de gabos e louvaminhas.

Foi por essas e por outras que para os demais herdei fama de manhoso e arteiro; títulos esses, meu filho, que nunca me encheram a barriga, pelo contrário, serviram para me encher os lombos de fartas pauladas e gordas bordoadas, que sempre que na terra ocorriam travessuras e diabruras logo diziam:

– Foi o Bragatela!

